

# Bracher vai a Nova York para iniciar negociação multianual

por Cláudia Safatle  
de Brasília

O negociador da dívida externa brasileira, Fernão Bracher, embarca no final da próxima semana para Nova York tendo um complicador adicional no quadro político interno que poderá afetar a disposição dos bancos internacionais privados, credores do País, de fechar um acordo plurianual com o Brasil. A redução do mandato do presidente José Sarney para quatro anos poderá criar resistências junto aos credores internacionais, na medida em que este governo está em final de mandato e politicamente enfraquecido.

Bracher até concorda com a possibilidade de "resistências", mas ponderou ontem a este jornal que será melhor tanto para o País quanto para os credores internacionais que o acordo seja fechado agora. "Quanto mais depressa tivermos um prazo de referência aceitável para ambos, melhor, porque voltamos a uma situação de normalidade", observou Bracher, lembrando ainda que está "encarregado de fazer um acordo que seja bom para o Brasil e não para este ou aquele governo".

Empenhado no fechamento do acordo até o dia 15 de janeiro, Bracher ficará em Nova York do dia 30 deste mês a 20 de dezembro, quando volta ao Brasil para passar as festas de fim de ano, retornando a Nova York em princípios de janeiro, onde fica até a data final acertada com o comitê de assessoramento dos bancos credores.

A tarefa da missão de economistas do comitê de assessoramento, que chega amanhã, em Brasília, é importante na construção do acordo de refinanciamento dos juros dos próximos dois anos. Segundo Bracher, esses economistas é que vão colher os dados para a definição do "pacote" de juros, calculado inicialmente em US\$ 10,4 bilhões. A cifra final será produto da negociação bilateral.

## SALVAGUARDA

Bracher disse, porém, que nessa parcela deverá ser acrescida a "cláusula de salvaguarda", instrumento pelo qual, acima de um determinado patamar de taxa de juros, o País deixa de pagar, sendo acrescido esse adicional no valor final do refinanciamento.

Para esse segmento "convencional" da negociação, Bracher acha que devem prevalecer as condições usuais de mercado. O México, por exemplo, conseguiu o refinanciamento por vinte anos. Juros e prazo, segundo Bracher, sairão da mesa de negociação.

Simultaneamente à preparação desse lado "convencional" da negociação externa, ele está trabalhando no desenho "dos nosso bônus" (da securitização da dívida). Bracher disse que uma das vantagens da "securitização" é que ela será casada com a conversão da dívida em capital de risco (nos termos aprovados ontem pelo Conselho Monetário Nacional). "Os bônus serão o único instrumento da conversão

da dívida em capital de risco", disse ele, fazendo as contas na máquina de calcular: "com uns US\$ 1,4 bilhão de conversão anual, com deságio de 20% no leilão, isso significará US\$ 1,75 bilhão de bônus consumidos na conversão a cada ano". Assim, haverá uma demanda efetiva, dando maior liquidez aos títulos brasileiros, que seriam ao portador (do tipo "exchange offer"). O prazo de resgate desses títulos, segundo Bracher, deverá ser entre 20 e 30 anos, e juros fixos abaixo dos níveis de mercado.

## "WAIVER"

Ele acha que será fácil contornar, junto aos credores, a questão da obrigatoriedade de repartir entre todos os bancos credores qualquer tipo de recebimento fora do previsto no contrato ("sharing provision"). Se a conversão da

dívida em capital de risco for uma maneira diferente de receber créditos, "então o credor terá de autorizar dar um 'waiver' para fazer a conversão através dos bônus". Ou seja, segundo explicou, "ao fazer a conversão o credor do País terá de dar um 'waiver' para que o bônus possa ser emitido". Os bancos, segundo Bracher, "acharam a idéia do 'waiver' (um perdão, uma concordância) boa para poder introduzir as modificações contratuais necessárias", assinalou ele.

Bracher tem informações de que os bancos credores solicitados a comparecer com o empréstimo-ponte de US\$ 1,5 bilhão neste ano, para realização dos depósitos em 30 de novembro e final de dezembro, já estão "amealhando" os recursos. Hoje, por exemplo, haverá reunião dos bancos ingleses para uma tomada de posição, disse.